

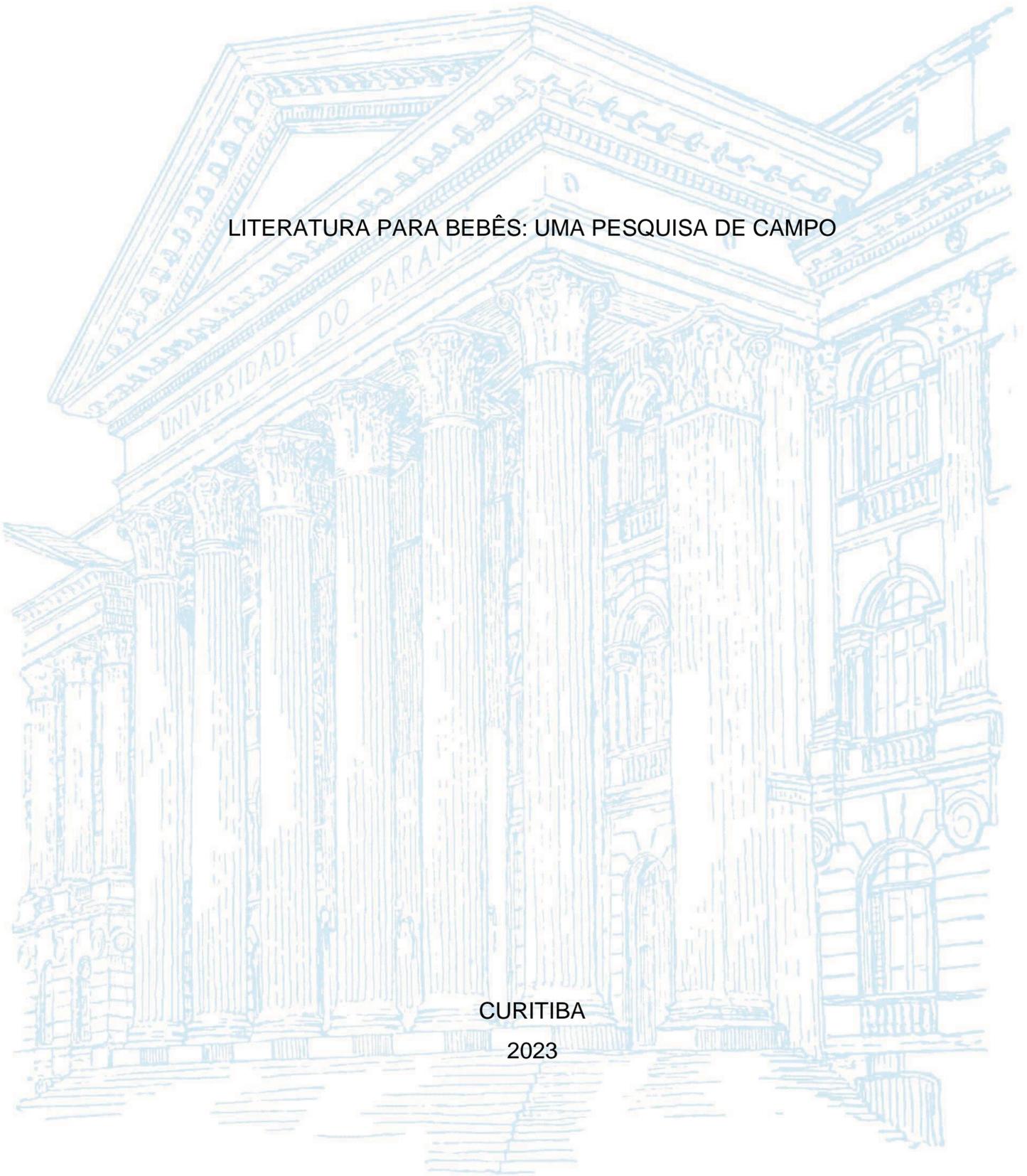
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

NEDIANE MARIA DA CRUZ

LITERATURA PARA BEBÊS: UMA PESQUISA DE CAMPO

CURITIBA

2023



NEDIANE MARIA DA CRUZ

LITERATURA PARA BEBÊS: UMA PESQUISA DE CAMPO

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial à conclusão do curso de Pedagogia, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Elisa Maria Dalla-Bona

CURITIBA

2023

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo compreender a importância e as vantagens da exposição precoce da literatura desde o início da escolarização. Contribuir com o desenvolvimento cognitivo e socioemocional dos bebês e das crianças pequenas. O estudo parte das seguintes problemáticas: Literatura para bebês: por que é importante começar tão cedo? De que forma a presença precoce da leitura literária na primeiríssima infância contribui para o desenvolvimento cognitivo e socioemocional das crianças? Na escola, como aproximar as crianças da literatura, do livro e transformá-las em leitoras? Para responder a estas questões, foi realizado um estudo de caso qualitativo numa escola particular de Curitiba, em turma de berçário II (crianças com idade entre 15 meses e 26 meses), com o intuito de observar, registrar e contribuir com as práticas pedagógicas realizadas pela professora envolvendo a leitura ou contação de histórias.

Palavras-chave: literatura infantil; educação infantil; bebês; leitores.

ABSTRACT

The present work aims to understand the importance and advantages of early exposure to literature from the beginning of schooling. Contribute to the cognitive and socio-emotional development of babies and young children. The study is based on the following issues: Literature for babies: why is it important to start so early? How does the early presence of literary reading in early childhood contribute to children's cognitive and socio-emotional development? At school, how can we bring children closer to literature and books and turn them into readers? To answer these questions, a qualitative case study was carried out in a private school in Curitiba, in nursery II class (children aged between 15 months and 26 months), with the aim of observing, recording and contributing to the pedagogical practices carried out. by the teacher involving reading or storytelling.

Keywords: children's literature; child education; babies; readers.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	6
2	A LEITURA LITERÁRIA NA PRIMEIRÍSSIMA INFÂNCIA.....	13
2.1	A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL DESDE O BERÇO.....	13
2.2	A ARTE DE CONTAR HISTÓRIA.....	18
2.3	QUALIDADE LITERÁRIA DOS LIVROS PARA BEBÊS.....	23
3	LITERATURA PARA BEBÊS: VIVÊNCIAS PRÁTICAS NO BERÇÁRIO II.....	29
3.1	BREVE CARACTERIZAÇÃO DO TRABALHO DA PROFESSORA REGENTE COM A LITERATURA INFANTIL.....	29
3.2	O TRABALHO DA PESQUISADORA COM A FORMAÇÃO DE LEITORES.....	35
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
	REFERÊNCIAS.....	51
	APÊNDICE 1 – CONCORDÂNCIA DO CAMPO DE PESQUISA.....	55
	APÊNDICE 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	56

1 INTRODUÇÃO

A literatura para bebês (crianças entre o nascimento e os 2 anos de idade) pode ser definida como uma tendência contemporânea ao universo literário, caracterizada inicialmente pelas narrativas orais, porém, os livros literários para bebês vêm se apresentando como uma “[...] realidade bem consolidada na atual produção de literatura infantil e, ao ampliar-se o sistema educativo para as primeiras idades, estes livros penetraram nas creches e na fase pré-escolar.” (COLOMER, 2007, p. 52). Percebe-se que esta produção literária para a infância tem recebido atenção especial das editoras em apresentar diversificadas formas e técnicas para a materialidade do livro e seu projeto gráfico, porém nem sempre acompanhadas de qualidade literária.

A produção editorial vem crescendo alinhada com a ampliação da concepção de leitor, da necessidade da presença da literatura precocemente na vida da criança, da certeza da contribuição da literatura para o desenvolvimento dos bebês, da intencionalidade pedagógica do trabalho nas creches com a literatura, dentre muitos outros aspectos.

Com relação à concepção de leitor, é preciso considerar que bebês embora ainda não decodifiquem o código escrito, portanto ainda não estejam alfabetizados, eles já são considerados leitores, pois a leitura não acontece simplesmente por meio da decodificação desse código. As experiências de leitura de um bebê ocorrem principalmente com o corpo e de modo sensorial, onde novos caminhos se abrem para a imaginação da criança, envolvendo os cinco sentidos: a visão, o tato, a audição, o olfato e o paladar que são fortes elementos do ato de ler. Como ressalta Kaercher (2001, p. 84), “[...] tudo que puder ser cheirado, ouvido, visto, tocado ou saboreado terá uma grande importância para compreender o mundo que o cerca e a literatura faz parte deste mundo.”

A partir do momento em que é oportunizado o acesso aos livros aos bebês, eles interagem com este objeto como fazem com o que os cerca, exploram os sons, tocam com as mãos, mordem, lambem, dão asas à imaginação (REYES, 2010). Assim como os bebês têm necessidade de pegar tudo que estiver ao seu alcance para estabelecer uma relação com o mundo à sua volta, eles demonstram muita curiosidade, interesse e atenção ao ouvir uma leitura de histórias, reconhecem elementos das ilustrações, imitam os sons dos animais, folheiam as páginas e se atêm

as que mais lhes interessa, se concentram por alguns minutos em uma leitura ou livro e interagem com outras crianças à sua volta e com o professor, nota-se que a partir dessas interações eles vão adquirindo o prazer pela leitura literária.

É fundamental a presença da literatura precocemente na vida das crianças por inúmeros motivos, tais como: proporcionar um encontro significativo e prazeroso das crianças com a arte literária, estimular o imaginário, oferecer possibilidades de interação afetiva com os livros, ingressar na cultura da escrita, ampliar o conhecimento de mundo e o desenvolvimento da linguagem, dentre outros. (RAMOS; PINTO; GIROTTO, 2018).

Para tanto, percebe-se que esse contato precoce com a literatura nada mais é do que “[...] oportunizar às crianças uma multiplicidade de linguagens e de formas de expressões sociais, a fim de que a criança possa conhecer o mundo” (GIROTTO; FRANCO; BARROS; TAMURA, 2016, não p.) e assim, garantir o ingresso dessas crianças na cultura da escrita sem o intuito de alfabetizá-las, apesar de repercutir na sua qualidade. A presença constante do ato da leitura literária pode incentivar e formar leitores desde muito cedo, permitindo-lhes através de leituras diárias a compreender melhor o mundo que os cerca. (REYES, 2010).

A contribuição da literatura infantil é primordial para o desenvolvimento das crianças que além de entreter e estimular a curiosidade, como afirma Bettelheim (2014, p. 11) ajuda a “[...] desenvolver o seu intelecto e a tornar claras suas emoções.” Pois, é por meio da literatura infantil que os bebês e crianças pequenas se desenvolvem tanto no sentido cognitivo, quanto emocional e começam a se reconhecer no processo de formação humana.

No que se refere ao contexto pedagógico do trabalho com a literatura nas creches, há que se atentar para a intencionalidade do trabalho ou para a necessidade do planejamento e a superação dos improvisos, o que demanda um profissional com formação adequada a esta prática. Debus (2006, p. 17) vem esclarecer que para se “[...] entender a criança como um cidadão de direitos e valorizar a sua condição de criança [...] exige mais do que boa vontade e interesse, faz-se necessária a formação de profissionais em condições.” É preciso que se aposte na formação do professor da primeira infância, que se dá nos cursos de Pedagogia e na formação continuada, para que ele tenha condições de desenvolver um trabalho que contemple a visão da criança como sujeito de direito de uma educação de qualidade.

Nesse contexto, o desenvolvimento de uma pesquisa de campo sobre a leitura literária para bebês, pode contribuir com as reflexões teórico-práticas desta área de estudo da pedagogia, e possibilitar uma análise sobre o assunto a partir da obtenção de dados de um grupo de bebês (SEVERINO, 2000). Neste contexto, este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) realiza um estudo de caso qualitativo sobre a presença e a importância da literatura infantil para uma turma de berçário II, constituída de 10 bebês (5 meninas e 5 meninos) com idade entre 1 e 2 anos, mais precisamente entre 15 e 26, num Centro de educação infantil da rede privada, situado no centro da cidade de Curitiba, capital do estado do Paraná, Brasil.

Este Centro de educação infantil de origem oriental e de caráter confessional (católica) acolhe crianças de 0 a 5 anos de idade, independente de sua etnia, cor, religião ou classe social, ele sempre contou com crianças de várias nacionalidades, tais como japonesas, chinesas, árabes e brasileiras, assim como de diversas crenças religiosas. Além da educação infantil o Centro oferta, para crianças a partir de 6 anos e adolescentes de até 16 anos de idade, curso de japonês.

Segundo o Projeto Pedagógico do Centro (CURITIBA, PP, 2011), os pais têm o curso superior completo e atuam em profissões como: médicos, dentistas, engenheiros, bancários, arquitetos, dentre outras. Muitos desses pais procuram essa escola porque estudaram nela e se identificam com os valores e tradições da cultura japonesa que ensinam. Há crianças que, mesmo maiores, continuam frequentando a escola para fazerem o curso de japonês.

A instituição possui um terreno de aproximadamente 1.072 m². O pavimento térreo, área com 529,23 m², é destinado para a educação infantil, composta por um espaço de recepção na chegada à escola, secretaria, sala do administrativo, 1 sala de professores com banheiro, 1 cozinha, 1 refeitório, banheiros masculino e feminino com pias adequadas para as crianças e para os adultos, 1 sala de música com piano, 1 biblioteca com uma TV, 1 sala de reunião, 1 ginásio de esporte coberto (179,69 m²), 1 capela, 1 parquinho (contendo areia, grama sintética, uma casa de madeira, um escorregador), 8 salas sendo duas de berçários I e II, duas de maternal I e II, duas de pré I e II e duas de integral envolvendo crianças com idades diferentes (as salas das turmas do maternal I ao pré II possuem banheiros adequados para as crianças nos locais). As salas mais espaçosas são as do berçário que comportam até 20 crianças,

as demais salas do maternal I ao pré II comportam até 15 crianças. Esses espaços permitem o desenvolvimento de atividades diversificadas e simultâneas.

O primeiro andar conta com 4 salas para o curso de japonês, 1 biblioteca, 1 laboratório de informática, 1 sala de vídeo com uma TV, banheiros masculino e feminino, 1 ampla sala multiuso para recreação das crianças.

A sala do berçário II, onde foi desenvolvida a pesquisa de campo, conta com 3 áreas: sala do descanso que comporta até doze colchões colocados no chão (FIGURA 1), com acesso livre à sala de recreação (FIGURA 2), não tão espaçosa, organizada com tapetes emborrachados, um armário para guardar os brinquedos e uma janela que acomoda os livros de literatura da sala. Há ainda um espaço maior, coberto e equipado com grandes brinquedos, chamado de parquinho (FIGURA 3).

FIGURA 1: sala do descanso



Fonte: fotografado pela pesquisadora (2023).

FIGURA 2: sala de recreação



Fonte: fotografado pela pesquisadora (2023).

FIGURA 3: parquinho



Fonte: fotografado pela pesquisadora (2023).

A escolha desta escola como campo de pesquisa se deve ao fato da pesquisadora ter atuado lá como estagiária entre 2019 e 2020, sendo efetivada em 2021, onde permanece até hoje (2023) como professora auxiliar do berçário. Também contribuiu com a escolha, o seu bom relacionamento com a direção e a equipe de professores.

Embora seja questão mencionada no Projeto Pedagógico (CURITIBA, PP, 2011, p. 72) que seus “[...] profissionais de educação infantil devem promover capacidades nas crianças de interessar-se pela leitura e histórias; familiarizar-se aos poucos com a escrita e o contato cotidiano com livros, revistas, histórias em

quadrinhos, etc.”, desde 2019 a pesquisadora vinha notando a insuficiência da literatura infantil na escola, fato que motivou a escolha do tema da pesquisa.

Em 2023, atuando na turma do berçário II, a pesquisadora observou que a literatura infantil passou a estar um pouco mais presente, inclusive nos planejamentos da professora constavam livros para contação de história. Mas isto depende da iniciativa da professora, mais do que de uma política pedagógica da escola, fatos que desencadearam as seguintes problemáticas de pesquisa: Literatura para bebês: por que é importante começar tão cedo? De que forma a presença precoce da leitura literária na primeiríssima infância contribui para o desenvolvimento cognitivo e socioemocional das crianças? Na escola, como aproximar as crianças da literatura, do livro e transformá-las em leitoras?

O objetivo geral da pesquisa é compreender a importância e as vantagens da presença precoce da literatura desde o início da escolarização, para contribuir com o desenvolvimento cognitivo e socioemocional das crianças e transformá-las em leitoras na primeiríssima infância.

Os objetivos específicos são: analisar a relevância da literatura infantil na primeira infância; identificar as vantagens e implicações da presença da literatura com bebês na educação infantil; refletir sobre a contribuição da literatura infantil como precursora da formação dos pequenos leitores; desenvolver intervenção pedagógica com a literatura infantil na turma do berçário II.

Algumas etapas de pesquisa foram percorridas. Inicialmente foi realizado um levantamento bibliográfico com a leitura de livros, artigos científicos, dissertações e teses, que discutem o valor e a importância da literatura infantil para e com bebês. As observações do trabalho da professora do berçário ocorreram de junho a agosto de 2023, que foram anotadas nos diários de campo. Também foram obtidas informações por meio de entrevista gravada com a coordenadora pedagógica da escola, e algumas questões respondidas por WhatsApp pela professora regente do berçário II, além de diálogos travados com elas no cotidiano da escola. Paralelamente, foi realizado um planejamento que foi implementado pela pesquisadora no mês de agosto de 2023. Durante todo o período foram feitos registros fotográficos dos espaços e atividades.

O levantamento bibliográfico sobre esse tema resultou em poucos achados, são recentes os estudos voltados para o trabalho pedagógico com a literatura infantil no berçário, o que nos motivou para o desenvolvimento da pesquisa.

2 A LEITURA LITERÁRIA NA PRIMEIRÍSSIMA INFÂNCIA

Neste capítulo aborda-se a relevância da presença da literatura no cotidiano da educação infantil para colaborar com o desenvolvimento cognitivo e sócio-emocional dos bebês e crianças pequenas. Também se ressalta o potencial das contações de histórias para despertar nas crianças o interesse pelo universo cultural, desenvolver a sua imaginação e o prazer de ler. Também se inclui a qualificação dos livros literários destinados às crianças que se encontram em berçários.

2.1 A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL DESDE O BERÇO

No âmbito da educação infantil, percebe-se que tem crescido, paulatinamente, a preocupação relacionada à importância do acesso à literatura infantil para bebês e crianças bem pequenas. É de responsabilidade das instituições educativas além dos cuidados com as necessidades fisiológicas das crianças, também proporcionar atividades que propiciem o seu desenvolvimento psicológico e cognitivo, neste sentido uma importante aliada, é a literatura infantil.

Zilberman (1998, p. 25) se refere à função formadora da literatura infantil, que está voltada à cultura, ao “[...] conhecimento do mundo e do ser” e propicia os elementos para a emancipação pessoal. Afirmações complementadas por Burlamaque, Martins e Araújo (2011, p. 80-81) ao afirmarem que a função da literatura infantil é “[...] alimentar e estimular a imaginação da criança, auxiliá-la a conhecer melhor a estrutura do seu eu, permitindo, também, ampliar sua visão de mundo e alargar seus horizontes cognitivos e emocionais.” Nas instituições de educação infantil há que se assegurar também a função pedagógica de formar leitores e apreciadores da leitura. O primeiro passo para a consecução desta função é propiciar o contato com um universo cultural literário, ouvir muitas histórias e ter acesso a um acervo adequado para crianças pequenas.

A literatura traz consigo um contexto histórico, social e cultural, assim “[...] tem o poder de formar cidadãos mais conscientes” (GALVÃO, 2016, p. 27), mais sensíveis, humanizados e críticos, insubordinados a receber passivamente o discurso alheio. Esta formação precisa começar cedo e se consolidar ao longo da vida de uma pessoa.

No caso do ensino da literatura a função pedagógica tem que ser associada a uma função estética. Burlamaque, Martins e Araújo (2011, p. 80) ensinam que a função estética se viabiliza pelo “[...] prazer derivado do texto literário [...]” e pelo seu potencial de “[...] proporcionar ao leitor a capacidade de sonhar e imaginar [...].” (BURLAMAQUE; MARTINS; ARAÚJO, 2011, p. 80). Todavia, ainda se percebe que em muitas instituições educativas a função pedagógica se sobressai sobre a função estética, assim a literatura ao invés de ampliar as experiências de vida das crianças, se limita a atividades moralizantes, conteudistas e pouco estimulantes. Gregorin Filho (2009, p. 77) menciona que:

Trabalhar com literatura infantil em sala de aula é criar condições para que se formem leitores de arte, leitores de mundo, leitores plurais. Muito mais do que uma simples atividade inserida em proposta de conteúdos curriculares, oferecer e discutir literatura em sala de aula é poder formar leitores, é ampliar a competência de ver o mundo e dialogar com a sociedade.

A crítica não está na escola tentar se preocupar com a sua função pedagógica, mas no fato de que,

[...] não se trata de livros didáticos, de não-ficção, onde se disserta, se dá uma explicação objetiva, seca, dura... Não é a demonstração de um teorema (a vida não é bem assim...), nem a explanação dum fenômeno científico distante, que acontece num laboratório de ciências e onde se busca provar algo que não está exigindo nenhuma emoção ou certo envolvimento pessoal... Estamos falando de literatura, de ficção, de histórias, onde se aborda um – ou vários problemas – que a criança pode estar atravessando ou pelo qual pode estar se interessando... De uma leitura que não é óbvia, discursiva ou demonstrativa do tal tema. (ABRAMOVICH, 1989, p. 98).

Essas reflexões no contexto da educação infantil, particularmente dos bebês e crianças bem pequenas, representam um grande desafio ao professor para que crie as condições do enunciado por Abramovich (1989) - trazer histórias onde se abordam temas e problemas que nem sempre estão implícitos, mas exigem a interação do leitor para desvelá-los. Esta interação se revela entre as crianças que sequer aprenderam a falar, por exemplo, ao demonstrarem grande interesse por tocar e folhear livros, ao apontarem para as ilustrações e balbuciarem palavras sobre uma imagem que lhes atrai, ao fazerem movimentos com o corpo e imitarem os sons de animais, por exemplo, e inclusive ao demonstrarem capacidade de se concentrar por alguns instantes em algo na história que lhe chame a atenção. Mas isso tudo depende do professor com uma escuta atenta, uma sensibilidade aguçada, um preparo para o

manejo pedagógico necessário a esta idade, além de disposição para perceber o interesse das crianças e o potencial das histórias para tocá-las.

Zilberman (1998, p. 65) ensina que “[...] o contato com a literatura infantil se faz através do ângulo sonoro: a criança ouve histórias narradas por adultos, podendo eventualmente acompanhá-las com os olhos na ilustração.” Neste contexto do ângulo sonoro destaca-se que a literatura infantil inicia a criança na palavra, no ritmo e na memória, isso complementado pela linguagem visual (ilustrações) resultam no desenvolvimento da competência literária da criança.

Burlamaque, Martins e Araújo (2011, p. 80-81) afirmam que:

A importância da literatura infantil é de alimentar e estimular a imaginação da criança, auxiliá-la a conhecer melhor a estrutura do seu eu, permitindo, também, ampliar sua visão de mundo e alargar seus horizontes cognitivos e emocionais. [...] A literatura no caráter formador faz com que as crianças apreciem a essência da arte literária, possibilitando uma inter-relação com seu cotidiano.

Destaca-se, assim, a necessidade de alimentar e estimular a imaginação da criança por meio da literatura infantil, permitindo o seu desenvolvimento emocional e cognitivo, ampliando a sua visão de mundo. Levando em consideração este contexto, cabe ao professor contar histórias para as crianças, disponibilizar livros para que manuseiem, e assim assegurar momentos de afetividade, de acolhimento, compreensão de seus sentimentos e emoções.

No contexto da educação infantil, o trabalho com a literatura exige muito do professor que, primeiramente, precisa gostar de ler, além de ser capaz de transmitir este gosto para as crianças. Ademais, deve estar preparado para lidar com as crianças pequenas, o que exige o desenvolvimento de um planejamento minucioso e lúdico, a organização de espaços de leitura atraentes e ao alcance dos pequenos, também se faz necessário que o professor aprenda a contar e ler histórias diariamente para as crianças, com previsão de leituras literárias diversificadas.

Reyes (2010, p. 16) informa que a leitura literária para bebês é uma oportunidade de “[...] garantir em igualdade de condições o direito a todo ser humano de ser o sujeito da linguagem: de se transformar e transformar o mundo e de exercer as possibilidades que proporcionam o pensamento, a criatividade e a imaginação.” Nota-se que é de suma relevância oportunizar uma vivência de leitura literária para e com bebês como meio de assegurar o seu direito de serem sujeitos ativos na construção do conhecimento, o qual pode levá-los a transformar o mundo ao seu redor

e a si mesmos. Portanto, professores e instituições, precisam ter um olhar mais atento para o desenvolvimento dessas crianças tão sensíveis e dependentes, e ao mesmo tempo tão ativas e cheias de possibilidades que proporcionam o pensamento, a criatividade e a imaginação.

Todavia, Aquino (2012) acredita que um dos grandes problemas dos professores é o fato de não gostarem de ler literatura e, assim, incapazes de despertar um gosto nas crianças que eles próprios não desenvolveram. Concomitantemente, aconselha que para ser um bom professor de literatura não basta gostar de ler, torna-se fundamental que conheça sobre literatura infantil e saiba apreciar as obras destinadas às crianças. A literatura infantil é uma forma de expressão artística, assim só serve para despertar o prazer pela leitura, sendo incompatível ser utilizada com finalidade de cobranças e avaliações.

É essencial que esse “gostar de ler”, esse “despertar pela leitura” faça sentido na vida da criança. O leitor mirim precisa se identificar com o que for lido/ouvido, de maneira que as “leituras” permitam um autoexercício de conhecimento de si, do mundo, das pessoas e dos sentimentos. (AQUINO, 2012, p. 81).

Por meio da literatura são apresentados às crianças os acontecimentos que ocorrem na vida, seja alegria ou tristeza, amor ou dor, desta forma por meio da ficção elas adquirem um importante conhecimento de mundo, de aprendizado sobre as pessoas e sobre si mesmas. Mostrar para a criança desde cedo sobre o conhecimento dessas concepções da realidade e dos sentimentos, não é tarefa fácil, mas não é impossível, desde que as leituras realizadas pelo professor propiciem às crianças se identificarem com o que for ouvido, a expressarem e trabalharem seus próprios sentimentos, se tornando protagonistas de suas histórias (AQUINO, 2012).

Com as crianças pequenas as leituras são sensoriais, ou seja, ao folhear as páginas de um livro, passar o dedo nas letras e imagens, ao imitar os sons que as imagens suscitam, elas transformam a leitura em uma brincadeira de “mentirinha” ou um faz de conta e se apropriam da leitura pela imaginação. Por meio do acesso ao mundo simbólico trazido pela literatura, surgem as curiosidades saudáveis e o desejo da criança de participar como protagonista. Portanto, cabe ao professor mediar e introduzir práticas de leitura, de forma que a criança se insira com naturalidade nesse mundo letrado. Debus (2006, p. 19) denuncia que, “[...] não compreendê-la inserida

nesta ciranda através de gestos artificiais seria introduzi-la numa roda sem sonoridade.”

Reyes (2010, p. 13) reforça que:

A leitura na primeira infância exige contexto porque todos sabemos que os bebês não leem, no sentido convencional da palavra. Portanto, sabemos que a leitura tem suas raízes na complexa atividade interpretativa que o ser humano desenvolve desde seu nascimento no mundo simbólico.

Assim, o contexto da leitura voltado para os bebês só se torna pertinente na medida em que são criadas as condições para que eles mergulhem no mundo simbólico da linguagem literária. Esta é a função dos professores mediadores de leitura, que podem desenvolver nos pequenos esta capacidade desde que insiram como atividade cotidiana a leitura literária, despertem o prazer da escuta e da narração, a curiosidade do saber e conseqüentemente a autonomia do pensamento.

Giroto (2015, p. 44) compreende que é primordial oferecer mediação de leitura para bebês e crianças pequenas, e para isto aconteça de forma significativa para a criança é necessário:

Garantir acesso visual ao livro, com o corpinho ancorado no aconchego e acolhimento de um adulto, permite ao bebê uma comunicação afetiva que se dá tanto pela voz (com palavras cochichadas que penetram no ouvido), quanto pelo contato com a pele, com o toque, com o cafuné, com carinho, entremeado pelas vias de acesso ao texto literário.

O contexto que a leitura literária exige é permitir que as crianças sejam inseridas na cultura escrita e que o mediador de leitura exerça a função de emprestar sua voz para que os livros falem e penetrem no ouvido do leitor mirim, sempre respeitando sua construção textual e oportunizando às crianças acesso à leitura literária por meio da comunicação afetiva que o professor pode oferecer às crianças com suas palavras atenciosas e seu contato de carinho.

Abramovich (1989, p. 17) reitera que:

Ler histórias para as crianças, sempre, sempre... É poder sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelas personagens, com as ideias do conto ou com o jeito de escrever dum autor e, então, poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de divertimento... É também suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras ideias para solucionar questões.

Viver este momento único de leitura, de brincadeira e divertimento é permitir que as crianças tenham sua curiosidade respondida em meio a um turbilhão de

conflitos, emoções e sentimentos, que ainda não são racionalmente compreendidos por elas. Mas é comum o professor da educação infantil não se sentir preparado para formar leitores, e ocorre o apontado por Abramovich (1989, p. 98): quando leem para as crianças, eles fogem das questões principais, pois não sabem como lidar com elas, não dedicam o tempo necessário para que a criança “[...] pense, elabore, resolva, se identifique, concorde, discorde, critique, negue etc.”. Além disso, muitas vezes o professor não permite que as crianças sejam ativas e protagonistas no ato da leitura. (REYES, 2010).

Para Abramovich (1989, p. 17) ler para crianças é:

Suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras ideias para solucionar questões [...] É uma possibilidade o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos [...] e, assim, esclarecer melhor as próprias dificuldades ou encontrar um caminho para a resolução delas.

Percebe-se que bebês e crianças pequenas têm capacidade de se aprimorar por meio do processo de leitura literária para uma compreensão de si mesmas e do mundo que as cerca. As histórias ao estimularem o seu imaginário podem criar as condições para que aos poucos diferenciem o real do fictício.

É importante lembrar que a aprendizagem dos bebês e crianças pequenas deve ser voltada aos interesses e necessidades das crianças, por meio do lúdico, suscitando o imaginário através da presença da literatura infantil.

Como disse Vygotsky (1994, p. 105) “[...] o desenvolvimento ou maturação são vistos como uma pré-condição do aprendizado, mas nunca como resultado dele.” No caso da literatura infantil, não se trata de buscar resultados por si só no desenvolvimento das crianças, mas como processo de aprendizado que as torna sujeitos ativos e participantes de suas histórias, ou seja, protagonistas da construção da realidade social.

2.2 A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança, ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um bom leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão do mundo... (ABRAMOVICH, 1989, p. 16).

Nesta epígrafe, Abramovich enfatiza a necessidade de aproximar os bebês e crianças pequenas, desde cedo, do universo mágico da linguagem escrita, enfatiza a importância das histórias para a formação das crianças e para auxiliá-las na compreensão do seu eu e do mundo, e que escutar muitas histórias é o início para a formação de um leitor. A autora ainda ressalta que “[...] contar história é uma arte [...]” (1989, p. 18), sendo assim, o professor deve brincar com as canções, onomatopeias, melodias dos versos, gestos e movimento corporal. Ao ler uma história para a criança, este professor não pode fazer de qualquer jeito, precisa antes conhecer a história para ter certa familiaridade com o que será falado e narrado.

Para muitos pesquisadores, o ato de contar histórias é compreendido como uma arte e para isto, ao decidir contar uma história para bebês e crianças pequenas deve-se ter uma preparação antecipada e conhecer a história, personagens e seu desfecho. Sisto e Motoyama (2016) defendem que ao se decidir contar uma história, esta deve ser bem contada, de forma bonita, deve-se ter uma preocupação com a linguagem trabalhada, cujo objetivo seja afetar o outro com uma boa dose de equilíbrio entre o estético e o compromisso que devemos ter com a literatura. Além do mais, exige-se uma preparação, uma construção sem pressa, ensaio da história para que seja apresentada da melhor maneira para se tocar o outro através do olhar, da emoção, da imaginação, da fantasia, da beleza das palavras, portanto é história com arte.

Em contato com bebês e crianças pequenas é notável o quanto os momentos de contação de história tornam-se mágicos e inesquecíveis, capazes de proporcionar vivências únicas. Mas nem todas as crianças têm acesso à leitura e/ou contação de história em seus lares, deixando muitas vezes a responsabilidade para a escola. Os professores da educação infantil têm a obrigação de possibilitar encontros como estes na vida das crianças para que “[...] possam tocar a história com seus olhos, sua emoção, sua imaginação, sua memória, sua própria história. Não de qualquer jeito, mas de um modo especial e inesquecível.” (SISTO; MOTOYAMA, 2016, p. 112).

Nesse mesmo sentido, Sisto (2005, p. 92) cita que “[...] a contação de histórias no âmbito da sala de aula é um dos recursos que estão à mão do professor para fazer com que seus alunos se aproximem do mundo da leitura.” Nota-se que os autores citados têm uma preocupação sobre a importância das contações de histórias para a

formação das crianças, de escutá-las, de propiciar uma infinidade de descobertas de um mundo repleto de realidade e fantasias.

Para Abramovich (1989) existe a necessidade de saber contar histórias, de se preparar para este momento quando podem ocorrer dramatizações ou entonações de voz, que demandam a criatividade do mediador. Na educação infantil para atrair os pequenos leitores, a autora propõe que “[...] antes de começar, é bom pedir que se aproximem, que formem uma roda, para viverem algo especial.” (ABRAMOVICH, 1989, p. 22).

Na compreensão de Silva (2015, p. 218) a iniciação literária para bebês e crianças pequenas permite que:

Aproveitem as narrativas, enriquecendo seu repertório de histórias e favorecendo sua imaginação criativa. Nesse sentido, os mediadores literários são fundamentais, pois atuam como intermediários entre os pequenos e o texto lido ou contado. Justamente por isso, é imprescindível que tenham ciência da importância de sua função mediadora e formadora.

Assim é primordial que os mediadores da leitura literária atuem para favorecer a imaginação criativa dos bebês e crianças pequenas. Na concepção de Colomer (2007) as crianças com dois anos de idade já identificam a narração de história como um uso especial da linguagem. Essa consciência narrativa, ao identificar mudança de tom de voz, presença de personagens, quando se inicia e quando finaliza uma história é considerada como um dos principais elementos de experimentar a literatura como uma forma de cultura e ao mesmo tempo sentir-se parte dessa comunidade leitora.

É crescente a defesa dos pesquisadores quanto a relevância de se contar histórias, mas sobretudo, contar histórias para sujeitos infantis, onde o encanto da palavra, dos sons da voz podem transformar cada rosto de acordo com seus sentimentos, e assim iluminar olhares quando essas contações de histórias se tornam atraentes devido a dedicação do mediador de leitura.

Sisto (2005, p. 37) reforça que:

Contar histórias não é uma tarefa fácil e estamos cada vez mais convencidos de que é preciso uma certa habilidade, exercício, e preparo para controlar todos os mecanismos que entram em jogo cada vez que se quer “comunicar” uma história a uma plateia.

Mas como se preparar para contar uma história? Antes de qualquer coisa é preciso escolher e conhecer a história, se familiarizar e reconhecer sua construção literária. Contar bem uma história não é uma tarefa fácil e necessita de certa

habilidade, domínio do texto e preparo antecipado. Sisto (2005) ainda propõe ao professor que se disponibiliza a contar histórias, alguns recursos básicos na hora de contar histórias:

Para se contar bem uma história há, pelo menos, alguns pontos a serem observados: emoção, texto, adequação, corpo, voz, pausas e silêncios, olhar, espontaneidade e naturalidade, ritmo, clima, memória, credibilidade. Sem esses elementos essenciais, qualquer contação fica comprometida! (SISTO, 2005, p. 59).

Nesta linha de pensamento, Debus (2006) concorda com a ideia de que o professor deverá ter um prévio conhecimento da história que será contada, e, por conseguinte, um planejamento para o momento da contação que venha a conquistar o leitor-ouvinte. Para que isto aconteça, tanto o ato da leitura como o de contação devem ser precedidos pelo conhecimento e envolvimento do professor pela história, uma vez sensibilizado poder tocar os seus pequenos ouvintes. Para tanto, o professor deve enxergar de fato a contação de história como uma arte e não como uma visão moralista ou didática. Debus (2006, p. 77) nos esclarece que:

Na multiplicidade e heterogeneidade com que se compõe o grupo de crianças que frequentam a creche e a pré-escola, muitas vezes não se consegue a atenção de todos, mas isso não é motivo para abandono do exercício de contar histórias ou descrédito da performance. É o momento, isso sim, de reflexão e tranquilidade para repensar os caminhos trilhados e (re)elaborar outros. Contar histórias não é algo inato - o repertório é construído aos poucos, como também é aos poucos que se descobre as manhas e as artimanhas desse exercício.

Contemplamos em todos os níveis de educação, inclusive na educação de primeira infância turmas com diversidade e heterogeneidade que frequentam creches e pré-escolas. E ao contar histórias, o professor deve estar preparado para esta realidade e perceber que não terá a atenção de todos, porém não deve ser motivo de desmotivação. É preciso considerar que essas práticas se consolidam com a sua frequência e a adequação das estratégias para construir um caminho que leve gradativamente as crianças a viverem este encantamento. Para o professor se tornar um contador de história é necessário começar, e aos poucos construir um repertório sonoro de palavras, gestos corporais, afinal contar histórias é uma habilidade que se conquista através de hábitos cotidianos, e não é algo inato como pode-se pensar.

Quem narra histórias para bebês e crianças pequenas deve estar preparado para não ter uma plateia silenciosa e estática, é comum que se movimentem e façam barulhos durante a narração, mas isto não significa que estão desinteressados ou

desatentos. Nesta idade eles se interessam por diferentes coisas ao mesmo tempo, mas é de responsabilidade do mediador usar estratégias para atrair a sua atenção. Debus (2006, p. 77) nos dá algumas pistas, a primeira delas é de que “[...] contar histórias não é algo inato” e que para chegar ao nível de saber contar histórias precisamos começar e praticar, além disso é preciso incorporar a contação na rotina diária da turma. As equipes pedagógicas também têm seu papel na formação dos leitores, devem prover os acervos, os recursos materiais necessários, além da capacitação dos professores.

Oliveira (2011) insiste que pais e professores não se privem de contar histórias aos bebês e crianças pequenas, de propiciar o livre acesso aos livros ilustrados e com isso assegurar relevantes e diversas oportunidades de desenvolver suas funções psicológicas.

Um ponto crucial para a contação de história é que não existe uma hora específica. Debus (2006, p. 87) declara que:

Toda hora é hora de contar e ouvir histórias... O que não propomos e desaconselhamos é a motivação, todo um planejamento e busca de estratégia para que a contação seja utilizada num curto período de tempo ou pensada entre horários, como antes do “soninho”, depois da Educação física ou no horário de espera dos pais, como forma de aquietar.

Compreende-se que realmente não existe uma hora específica para se contar uma história, desde que se escolha um momento em que possam se debruçar na leitura, se dedicar a ela sem apelos externos que desviem a atenção ou um tempo exíguo que não permita uma imersão, o que seriam formas de desestímulo à formação do leitor.

Para muitos pesquisadores, o ato de contar história é considerado uma arte. Sisto e Motoyama (2016) vêm a comprovar que o professor contador de história que utiliza o espaço de aula, em especial da educação infantil torna-se inevitável um exercício artístico onde exige preparação, ensaios, repetições, desejos, entrega de emoção para com o diálogo proposto pelo corpo, fala e estética.

Isto mostra que para o professor que se proponha a praticar o hábito de contar histórias é preciso que se aproprie da história a ser contada e a transforme em um lindo e inesquecível momento para os bebês e crianças pequenas que participam das histórias com suas emoções, risos, choros, gritos, dentre outros, tornando-as especiais para sua memória e sua vida.

Por outro lado, a criança se tornará leitora caso tenha muitas experiências em torno das narrativas literárias, pois quanto mais práticas puderem viver, mais elas constroem e potencializam suas relações com essas narrativas com uma boa dose de imaginação e fantasia.

2.3 QUALIDADE LITERÁRIA DOS LIVROS PARA BEBÊS

Os livros direcionados ao público leitor infantil vêm se sofisticando a cada dia, as ilustrações podem ser acompanhadas ou não de textos, há todo um aparato de materialidade relacionado a cores, formas, tamanhos, texturas, sensações, capas, dentre outros, enfim uma preocupação estética que, muitas vezes, resulta em uma boa qualidade literária (SILVA; SOARES, 2020). Mas essa qualidade se revela também na capacidade da obra de promover um diálogo entre o texto/ilustração e o leitor, de forma que este ao olhar para o livro possa se sentir motivado em conhecer sua história.

Corrêa, Pinheiro, Souza (2019, p. 71) confirmam que:

Quando se trata dos livros literários para crianças, a materialidade tem ganhado relevante função, por fazer parte, em muitas obras, da narrativa contada. Ela é definida pelos elementos que constituem o projeto gráfico de um livro: tamanho, formato, tipo de papel, tipografia e diagramado texto escrito e das ilustrações nas páginas.

Mendes e Velosa (2016, p. 117) afirmam que “[...] o educador deve agir pedagogicamente e de forma responsiva às necessidades e aos interesses das crianças.” Quando se trata de bebês e crianças pequenas há que se considerar o grande interesse deles pelos livros ilustrados, que “[...] detêm uma importância fundamental não só para estimular a fruição e a compreensão leitora, mas também para potencializar aprendizagens significativas.” (MENDES; VELOSA, 2016, p. 117).

Livros de boa qualidade textual, gráfica e temática quando oferecidos às crianças servem de estímulo à sua formação social e mental, propiciando que se aventurem pelas histórias por meio da ação direta sobre este bem cultural (RAMOS; PAIVA, 2014).

Paiva (2019, p. 102), ao estudar livros para crianças editados no século XXI, ensinam que essas obras:

[...] lhes fazem um tipo novo de convite, mesmo antes do processo de alfabetização. Percebe-se que as experiências com livros lúdicos e interativos os iniciam em situações de letramento, fascínio pelo objeto-livro, ficcionalização, performance teatral, busca por conhecimentos, ganhos em motricidade, capacidade dedutivas e inferenciais e muito mais.

Esses livros podem exercer fascínio na criança porque são um convite à brincadeira, a descobertas e estímulo à fantasia.

Paiva (2019, p. 103) também apresentam algumas tendências de livros da atualidade que são ofertados às crianças na primeira infância, tais como:

- Livros de imagem;
- Livros ilustrados e livros com ilustração;
- Livros de berço, ilustrados, adaptáveis aos espaços de repouso e/ou observação de bebês;
- Quiet books artesanalmente costurados e com objetos/peças manuseáveis para interação;
- Livros de pano comerciais que provocam interesse e espontaneidade do toque-interaja;
- Livros sonoros ao estilo “eu leio para você”/“leia-me”/aperte e ouça etc.;
- Livros tridimensionais que excitam a visão e o vínculo entretido com a leitura;
- Livros de desafios com montagens giratórias para a descoberta de respostas;
- Livros-brinquedos, realmente projetados para dar suporte a brincadeira, jogos e ações; dentre muitas outras espécies de livros aqui não citadas, dentre outros.

Linden (2011) analisa as características do livro ilustrado, que agrega duas linguagens: verbal e visual, ou seja, o texto e a imagem. O livro ilustrado infantil é pensado e destinado para os não leitores, convencionalmente falando, e demanda leitura, atenção e interpretação tanto das imagens como do texto. Formar leitores desde pequenos é ensiná-los a apreciar desde o formato do livro, a capa, a ordem de leituras no espaço da página, a apreciar a poesia do texto associado à imagem, e porque não apreciar o silêncio de uma relação com a outra ou até mesmo os sons ou ruídos nas leituras das imagens de um texto.

Na concepção de Linden (2011, p. 49), “[...] os livros ilustrados podem também se apresentar sem texto. [...] Não que a ausência de texto implique ausência de discurso.” Ou seja, nas ilustrações de um livro existe um discurso, um diálogo entre uma página e outra, levando para um desfecho, que exigem um leitor para desvelá-la, pois a “[...] habilidade de ler imagens pode ser adquirida, cultivada” (RAMOS, 2011, p. 39), desta forma “[...] elas sempre tiveram o poder de criar espaços, de induzir experiências afetivas e intelectuais que pontuam o imaginário dos leitores.” (RAMOS, 2011, p. 55).

Terra (2008, p. 167) ajuda a referenciar tal assertiva, ao esclarecer que a ilustração deve “[...] fazer parte do universo em que as crianças se encontram. E quem não sabe que a criança é um eterno brincar? A ilustração deve divertir e fazer parte do universo lúdico.” Todavia, deve ser lembrado que assim como os textos não devem ser infantilizados, as ilustrações seguem a mesma concepção, mas sim, devem ser divertidas e lúdicas, pois este universo faz parte do mundo infantil.

Souza e Silva (2020) assimilam que em uma educação literária na infância para bebês e crianças pequenas deve-se ofertar mediações de livros, sem cogitar a ideia de antecipação de escolarização, mas sim, perceber a capacidade que as crianças têm de estabelecer relações, seja de interagir com as pessoas ou com o objeto livro. Mediante essas capacidades, dentre outras que as crianças possuem: de linguagem, percepção, imaginação, memória, atenção e pensamento, todas estas estão em processo de formação e que são fundamentais para uma vivência de experiência estética e atitude literária.

Vale ressaltar que esta experiência estética e relação afetiva proporcionada pelo livro, leva a criança a momentos mágicos e de encantamentos a partir das aprendizagens de uma educação literária e valorização do desenvolvimento sociocultural por meio de objetos culturais como os livros. Proporcionar momentos de acesso ao livro faz com que as crianças reconheçam e compreendam as informações em textos verbais ou nas ilustrações de um livro.

A vivência com os livros de boa qualidade literária desde a educação infantil impacta no desenvolvimento infantil e na construção da identidade leitora, pois a criança ao explorar “[...] os livros disponíveis passa a conhecê-los, do seu jeito; interpreta e entende o que vai explorando.” (SOUZA; SILVA, 2020, p. 16).

Para tanto, é necessário levar em consideração que a atitude leitora de bebês e crianças pequenas se dá através de ações externas com os livros, sentindo, tateando, experimentando, mordendo ou possivelmente rasgando e tudo isto faz com que sua percepção esteja sendo formada e suas vivências passem a se tornar nada mais do que boas memórias. Acrescentam Silva e Chevbotar (2016, p. 61) que o livro de literatura infantil é concebido:

Como um produto da cultura humana e, desse modo, e em especial no caso dos bebês e crianças pequenas, a exploração desse produto é marcada por situações igualmente lúdicas e prazerosas. Ao entrar em contato com as coisas, a criança pequena manipula, morde, cheira e gradativamente, se

apropriada de suas características e usos sociais, podendo imaginar, criar hipóteses e imitar as ações dos adultos que a rodeiam.

Ao falarmos de bebês, destaca-se que os livros de literatura infantil devem ser pensados e produzidos de forma lúdica e para esta fase da educação infantil é importante que as ilustrações prevaleçam. Um acesso livre a este produto cultural faz com que as crianças experimentem momentos importantes de seu desenvolvimento, seja de percepção sensorial, visual, tátil e/ou intelectual. É fundamental lhes propiciar o estabelecimento de laços afetivos com o livro para que desfrutem de experiências enriquecedoras.

A leitura literária é um instrumento de diálogo entre o professor e a criança, na medida em que provoca a criação de vínculos afetivos. Reyes (2010, p. 53) diz que os livros “[...] são espelhos para olhar e ser olhados; para tocar, para medir e explorar um mundo que se amplia a cada dia.” O livro literário de qualidade além de estabelecer este vínculo afetivo, amoroso, também funciona como um instrumento comunicativo entre o adulto e a criança. Portanto, não basta oferecer livros para as crianças tocarem, mas sim, que possam explorar e descobrir um mundo que se amplia a cada dia e para que isto aconteça exige a presença de um professor para uma experiência afetiva a cada descoberta.

Assim, Silva e Chevbotar (2016) ressaltam que este objeto cultural traz para a criança benefícios importantes para seu desenvolvimento pleno, tanto ao ouvir histórias, quanto ao manuseá-lo, conhecer e explorar suas materialidades, possibilitando aprendizagens por meio da imitação das ações dos adultos, por este motivo, é relevante que o professor oportunize leituras diárias e acesso livre aos livros.

Bons são os livros que proporcionam um encontro entre a imaginação e a fantasia da criança, que garantem uma comunicação emocional e estreitam as relações consigo mesmo e com o outro.

Sendo melhores aqueles com ilustrações ricas em pormenores. Todavia, o importante é o adulto que mediar a leitura compartilhada seguir os interesses das crianças. A leitura dialógica nada mais é, então, do que adultos e crianças olharem para as imagens juntos e conversarem sobre o que veem. Em vez de ler o texto, o mediador (adulto) utiliza técnicas que facilitarão o diálogo em uma linguagem simples. (SOUZA; SILVA, 2020, p. 27).

Assim sendo, os livros infantis de qualidade para mediar leituras com bebês e crianças pequenas, são principalmente os livros ilustrados. A postura esperada do professor é a do diálogo com estas crianças, que mesmo ainda não falando, podem

ser compreendidas pelos seus acenos de mãos, olhares, expressões faciais, risos, gritos, choros ou até mesmo quando, por exemplo, se aproximam tão próximo do livro que parecem que querem penetrar, tocar não somente no livro, mas nas imagens como se fossem reais. Pode-se sentir a vibração, sentimentos de alegria, de surpresa, de encantamento, ou os olhinhos brilharem ao emitirem os sons de certos animais, por exemplo.

Salisbury e Styles (2012, p. 77) observam que:

Neste mundo cada vez mais visual, é essencial que as crianças aprendam as habilidades de olhar, apreciar e interpretar o material visual, incluindo seu design. Isso é algo que a maioria das crianças faz naturalmente em idade precoce, conforme são atraídas por fotos, cores e formas. [...] Aprender a olhar e enxergar por meio do desenho promove e estimula habilidades vitais de linguagem visual.

A linguagem visual conhecida como ilustrações ou imagens são essenciais para os bebês, pois são a principal linguagem compreendida por eles, assim os livros ilustrados assumem a função de sensibilizar os pequenos leitores. Em contrapartida, para que este pequeno leitor assuma uma postura efetiva de apreciar as imagens por meio de livros de qualidade da literatura infantil, é necessário que o professor busque também se sensibilizar e possa apreciar e contemplar juntamente com as crianças o prazer da leitura do texto e da ilustração.

Na literatura infantil é relevante lembrar que os livros mais indicados para os bebês e crianças pequenas são os de papelão (cartonados), plástico ou tecido, pois são os mais resistentes. É importante também lhes apresentar uma grande variedade de formatos, seja na horizontal ou vertical, que inclusive se tornam determinantes para a expressão literária (LINDEN, 2011).

Moraes (2008, p. 49) determina que o livro considerado como objeto:

Tem um corpo, isto é, forma, tamanho, cor, tato, cheiro (por que não?) etc., que é como ele se apresenta para nós, aos nossos sentidos. Mas ele também vai ser lido. Seu conteúdo, o qual chamei de alma, vai ser revelado à medida que percorremos seu texto, passamos suas páginas, adentramos seu interior, sua atmosfera, os caminhos que ele nos propõe imaginar.

Interessante a expressão “alma” utilizada pela autora para se referir ao papel do leitor. A Teoria da Estética da Recepção (Iser (1996) e Jauss (1993)) nos auxilia a explicar esta afirmação, pois defende que a fonte de produção de sentido não reside somente no texto ou no livro, mas também, e talvez primeiramente, no receptor e no sujeito leitor. Os bons livros de literatura infantil possuem aberturas de sentidos que

somente a colaboração ativa de um leitor pode transformá-los em um sistema ordenado de significações, portanto, esses livros não passam de objetos, até que encontrem um leitor. Nessa perspectiva, há que se considerar que o texto literário não carrega em si mesmo a significação, mas que só produz seu efeito quando é lido, o que confirma a noção de que ler é um ato de criação. O texto literário contém um jogo que reivindica um parceiro - o leitor. Leitura é a comunicação entre um autor e um leitor.

A relação dialógica entre texto e leitor nos mostra que ambos são ativos. O leitor com o uso de sua imaginação e experiências preenche as lacunas do texto. Diante do exposto, reivindica-se uma escola de educação infantil que acredite no potencial das crianças para construir sentidos para o que leem e ampliem a compreensão sobre si mesmos e o mundo.

3 LITERATURA PARA BEBÊS: VIVÊNCIAS PRÁTICAS NO BERÇÁRIO II

Este capítulo contém as observações e registros, que foram feitos nos períodos de junho a agosto de 2023, de algumas vivências práticas de leitura e contação de história ocorridas no berçário II. A ampliação do acesso das crianças à leitura literária promovida pela pesquisa de campo, ampliou bastante as suas experiências leitoras e o seu interesse pelos livros.

3.1 BREVE CARACTERIZAÇÃO DO TRABALHO DA PROFESSORA REGENTE COM A LITERATURA INFANTIL

Como informado anteriormente, a turma de berçário II deste Centro é constituída de 10 bebês (5 meninas e 5 meninos) com idade entre 1 e 2 anos, mais precisamente entre 15 e 26 meses. A equipe de professoras conta com uma regente e uma auxiliar.

Apesar da professora afirmar que acha importante a literatura infantil, foram raros os momentos de contação de história realizados por ela no período das observações, que ocorreram de junho a agosto de 2023. A Figura 4 apresenta um desses raros momentos.

FIGURA 4: Leitura do livro *Meu livrinho musical que soninho!*



Fonte: fotografado pela pesquisadora (2023).

Os livros lidos por ela foram: *Uma lagarta muito comilona*, de Eric Carle; *Meu livrinho musical. Que soninho!*, de Sam Taplin; *O gato xadrez*, de Isa Mara Lando; *O*

ratinho, o morango vermelho maduro e o grande urso esfomeado, de Don Wood e Audrey Wood; *O que parece?*, de Guido Van Genechten; *O pássaro sem cor*, retirado do Pinterest, adaptado por uma professora a partir da obra de Luís Norberto Pascoal. A maioria das escolhas da professora do berçário II eram livros de boa qualidade literária, pois despertaram o interesse das crianças, a sua fantasia e imaginação, além de provocarem surpresas a cada página folheada.

Nas quintas-feiras era o dia em que as crianças podiam levar seus brinquedos para a escola, numa dessas ocasiões a mãe de uma delas mandou o livro *Meu livrinho musical. Que soninho!* em substituição ao brinquedo.

A professora regente da sala do berçário II, sempre dialoga com as crianças sobre as atividades a serem realizadas para deixá-las cientes. Neste dia, 15 de junho de 2023, a professora chamou as crianças, comentou sobre o que o amigo havia trazido e mostrou a todos o livro, dizendo que iria lê-lo. Ela convidou-os a se sentarem no tapete da sala do soninho para ouvirem a história, que foi acompanhada por um fundo musical. Durante a contação da história, que teve duração de 5 minutos, a professora ia perguntando quais animais estavam vendo nas ilustrações, além disso ela pressionava os botões integrados às páginas e pedia que ouvissem os sons emitidos por cada animal. Após a leitura todos queriam conhecer melhor o livro tocando, folheando, pressionando os botões para ouvir novamente as músicas e com o auxílio da professora todos os interessados tornaram-se partícipes da história.

Mas a utilização da literatura infantil como pretexto para transmitir ensinamentos é a perspectiva preponderante adotada pela professora, como podemos notar nos exemplos a seguir. Na Figura 5, a professora está contando a história *O ratinho, o morango vermelho maduro e o grande urso esfomeado*, que aconteceu em 24 de julho de 2023 no período da tarde, após o lanche das crianças que durou por volta de 5 minutos tendo como objetivo realizar uma atividade do planejamento sobre o morango, portanto se sobressai a atividade utilitarista sobre a literária. Utilizou como recurso cartolina, tesoura, tinta e canetinha. As crianças foram informadas sobre a atividade proposta e que iriam ser pintadas suas mãos para formar um morango.

FIGURA 5: Leitura do livro *O ratinho, o morango vermelho maduro e o grande urso esfomeado* e atividade realizada pelas crianças.



Fonte: fotografado pela pesquisadora (2023).

Uma das histórias mais contadas pela professora e apreciada pelas crianças é *O pássaro sem cor*, retirado do Pinterest, uma rede social de compartilhamento de fotos. A professora imprimiu as fotos, montou um envelope grande enfeitado nas laterais com nuvens recortadas em etil, vinil e acetato (E.V.A) e um pássaro vazado e recortado no centro desse envelope. Dentro colocou várias folhas A4 coloridas, organizadas em ordem de acordo com a história. No dia 10 de agosto de 2023, a pesquisadora acompanhou o convite da professora às crianças, que já se encontravam no parquinho, para ouvirem esta história. Conforme ela ia lendo, o pássaro ia mudando de cor à medida que as folhas eram retiradas do envelope, conforme pode-se observar na Figura 6. Apesar das crianças se divertirem a cada folha colorida retirada do envelope, a ênfase da professora foi em ensinar as cores e não na leitura literária. A pesquisadora pode verificar que pelo fato desta história ser recontada várias vezes, por meio dela as crianças aprenderam as cores.

FIGURA 6: leitura da história *O pássaro sem cor*

Fonte: fotografado pela pesquisadora (2023).

Como na entrada da escola há várias plantas e flores cultivadas e os pássaros adoram visitá-las, para tornar esta leitura mais interessante, a professora poderia como atividade anterior à leitura, convidar as crianças para observarem neste local as espécies de pássaros e mostrar as suas diferentes cores. Depois da leitura poderiam voar e cantar como pássaros. Desta forma, não estaria restrita ao uso utilitarista da leitura literária.

O contato das crianças com os livros é de suma importância para que se tornem leitores, como pode-se observar nas diferentes situações da Figura 7: parte superior esquerda uma criança que ao manusear um livro o rasgou; parte superior direita as crianças estão com o livro no rosto o cheirando; parte inferior esquerda, uma criança experimenta (mordendo) o livro; parte inferior direita, uma criança brinca com um livro. São situações que se demonstraram essenciais, pois como confirmam Silva e Chevbotar (2016, p. 71), os livros-brinquedos “[...] nem sempre são lidos, como ocorre tradicionalmente [...] ultrapassam as barreiras da leitura e convidam à experimentação, à vivência sensorial e emocional.” Exatamente como foi observado com aquela turma.

FIGURA 7: os livros e os bebês



Fonte: fotografado pela pesquisadora (2023).

Apesar dos poucos momentos de contação de histórias, do uso da literatura infantil com finalidades utilitaristas, da escassez do acervo disponível, as crianças do berçário II eram muito motivadas com o universo literário, de modo que não esperavam que alguém lesse para elas, demonstrando seu protagonismo e serem sujeitos ativos, cheios de curiosidades e interesse pelo mundo que as cerca. Espontaneamente pegavam os livros que estavam acomodados no peitoril de uma janela, conforme pode-se verificar na Figura 8:

FIGURA 8: bebês e crianças sendo protagonistas



Fonte: fotografado pela pesquisadora (2023).

Observa-se que a professora inclui a literatura infantil na vida das crianças, seleciona os livros para ler aos pequenos, faz leituras motivadoras ao usar onomatopeias, entonações e expressões faciais. Em conversa informal, ela afirmou perceber que existe um fortalecimento de vínculo entre ela e as crianças proporcionado pela literatura infantil, que os livros estimulam a criatividade e incentivam a imaginação. Assevera também, que é sua a função ensinar as crianças a manusear os livros com cuidado, a guardá-los após o manuseio, a não os avariar e não os confundir com brinquedo, sob risco de serem rasgados e estragados.

Entretanto, quando se trata de bebês e crianças pequenas, a concepção da professora apenas em parte é corroborada pelas publicações debruçadas na área. De fato, é necessário um mediador para instruir as crianças, no entanto, como afirmam Silva e Chevbotar (2016) o livro de literatura infantil é um objeto cultural, sendo que sua função só fará sentido mediante sua utilização e que suas práticas se dão através de situações marcadas pela experimentação e contato físico. O aconchego e as sensações corpóreas nessa fase da educação infantil possibilitam o desenvolvimento da criança, propiciam o prazer pela leitura e não devem ser impedidas pela preocupação excessiva com a manutenção física do livro.

A professora nos informou também que utilizava principalmente os livros disponíveis na biblioteca da escola. Como critérios ao selecionar esses livros escolhia aqueles de material com maior durabilidade, as ilustrações em cores vibrantes, que ensinassem alguma lição, tais como: alimentação, desfralde e bom comportamento. A professora também afirmou que dentre os livros selecionados o que mais gostava de ler para as crianças eram aqueles relacionados a cores, formas geométricas e sons dos animais.

Para compreendermos melhor a respeito da seleção dos livros, realizamos uma entrevista com a coordenadora pedagógica, que nos informou haver um convênio com uma escola privada de ensino básico, que é responsável pela seleção das obras que compõem o acervo da escola. As sugestões são repassadas aos pais, que escolhem numa lista de 30 livros, dois para comprar para seu filho. Significa que numa turma de 14 crianças, por exemplo, haverá 28 livros à disposição naquele ano, além daqueles emprestados da biblioteca.

Todavia, esta seleção de livros não inclui as crianças de berçário, somente a partir do maternal I. Foi também informado que a maioria dos livros são voltados para

os projetos da escola, ou seja, o livro não exerce muito a função literária, mas sim educativa. E quando é trabalhado algum projeto específico na escola que não teve livros na lista, algumas professoras solicitam que a coordenadora compre. Esta escola recebeu muitas doações, inclusive os livros da biblioteca foram doações feitas por pais de alunos. Em uma de suas falas, ela diz que há um tempo atrás a regente do berçário I solicitou aos pais livros para os bebês, porém nunca mais pediu e a escola também nunca teve a preocupação sobre tal importância.

3.2 O TRABALHO DA PESQUISADORA COM A FORMAÇÃO DE LEITORES

Guiada pelos pressupostos apresentados no capítulo 2 sobre a importância da literatura infantil, a arte de contar história e a qualidade literária dos livros para bebês, a pesquisadora planejou atividades com a literatura infantil que foram implementadas na turma do berçário II. Detectamos o quão desafiador é sair da posição de observadora para a de professora, e assumir ativamente o papel de mediadora da leitura literária.

O trabalho oportunizou compreender as vantagens da presença precoce da literatura para contribuir com o desenvolvimento cognitivo e socioemocional das crianças. Mas o fato de não ter um cantinho da leitura na sala, nem mesmo cestos com livros inviabilizou o acesso livre das crianças aos livros e comprometeu o processo de familiarização com a leitura literária. Constatou-se que a literatura infantil contribui de forma positiva e como precursora na formação dos pequenos leitores, apesar de certas restrições dessa relação entre as crianças e os livros, oportunizando aberturas para a imaginação e fantasia da criança.

A pesquisadora buscou dialogar com a regente da turma do berçário II sobre a importância de permitir o livre acesso das crianças aos livros, ela não liberava argumentando que poderiam estragar e rasgar os livros, mas aos poucos foi percebendo que as crianças por si só já buscavam alcançar os livros, e cada vez mais se interessavam pelas atividades de leitura.

Foi por meio de conhecimento teórico e buscando superar a ênfase do trabalho utilitarista com a literatura infantil, que elaboramos um planejamento e implementamos as atividades, a seguir relatadas.

O trabalho objetivou despertar nas crianças o prazer de ler. Consideramos o sugerido por Solé (*apud* SILVA, 2015) e estruturamos o planejamento prevendo

atividades antes, durante e depois da leitura, por se tratar de um processo mais abrangente do que apenas a leitura de um livro.

Para o trabalho do dia 21 de junho de 2023, o livro escolhido foi *Onde está o Bolinha?*, de Eric Hill. A escolha foi motivada pela qualidade do projeto gráfico e textual levando em consideração a compreensão leitora e suas possíveis aprendizagens significativas à medida que é proporcionado adentrar neste universo literário repleto de fascínio, brincadeira, fantasia e muitas descobertas, pois como afirma Ramos e Paiva (2014) os livros de boa qualidade textual, gráfica e temática quando oferecidos às crianças servem de estímulo à sua formação social e mental, propiciam que se aventurem pelas histórias por meio da ação direta sobre este bem cultural.

Nessa perspectiva lúdica do enredo, esta obra propicia uma forma divertida de ler as imagens como afirma Terra (2008, p. 167) “[...] a ilustração deve divertir e fazer parte do universo lúdico” das crianças. Na história o Bolinha se escondeu e sua mãe procura-o por toda a casa, na medida em que vai abrindo portas, que são abas sobrepostas nas ilustrações, a curiosidade das crianças é provocada para que as levantem e descubram o animal que está ali indicando onde pode estar o Bolinha.

Antes de iniciar a leitura, como motivação lúdica e para ativar o conhecimento prévio das crianças, a pesquisadora realizou uma brincadeira de esconde-esconde. Usou como recurso uma coberta para esconder algumas crianças, enquanto as outras as procuravam, ao descobri-las gritavam: “achooooou” (FIGURA 9).

FIGURA 9: esconde-esconde



Fonte: fotografado pela professora (2023).

Durante a leitura do livro, que durou em média 7 minutos, as crianças se encantaram com suas diversas abas e a descoberta ao abri-las de uma cobra dentro do relógio, um leão embaixo da escada, um jacaré debaixo do tapete... e só no final o Bolinha escondido dentro da cesta. Enquanto isso, uma das crianças que havia se afastado estava com um jacaré de feltro nas mãos e ao ouvir jacaré, se aproximou mostrando o jacaré e balbuciando “acaré”.

Depois da leitura, o livro foi disponibilizado para que o manuseassem. Quando uma delas começa a folheá-lo, é observada atentamente pelos amigos, que aos poucos vão se aproximando. Cria-se uma atmosfera mágica, de encantamento, de interação corporal e verbal entre eles. Na Figura 10 constata-se que além de leitores, também utilizam gestos de imitação da postura do professor.

FIGURA 10: crianças sendo protagonistas e imitadores



Fonte: fotografado pela pesquisadora (2023).

A história selecionada para o trabalho, realizado no dia 30 de junho de 2023, foi um clássico da literatura infantil: *Os três porquinhos*, que durou em média 15 minutos. Como motivação antes da leitura, cantaram a música:

Era uma vez
assim vai começar
a linda história
que agora vou contar.

Bata palmas, minha gente!
Bata palmas outra vez.
Bata palmas bem contente!
Vou contar... Era uma vez...

Para realizar a contação da história foi preparado um ambiente com tapete emborrachado e poltronas para que as crianças ficassem bem acomodadas.

Durante a leitura, a pesquisadora utilizou como recurso um avental de tecido cor de rosa (FIGURA 11), com grandes bolsos contendo os fantoches personagens da história em feltro, que foram gradativamente sendo apresentados. As crianças permaneceram muito concentradas pela expectativa criada com a aparição dos fantoches.

FIGURA 11: contação de história com recursos



Fonte: fotografado pela professora (2023).

Após a leitura cantaram a música:

E agora minha gente
que a história terminou
batam palmas bem contentes
batam palmas quem gostou

Depois todos tiveram acesso aos fantoches e puderam colocar o avental. Seguravam os personagens, porém o mais disputado era o lobo. As crianças em nenhum momento aparentavam medo do lobo e se divertiam quando ele era citado, derrubava as casas de madeira e a de palha com um sopro. Algumas dessas crianças imitavam a pesquisadora quando esta fazia o movimento do sopro com a boca e jogava uma das casinhas em feltro no chão, como apresentado na Figura 12.

FIGURA 12: crianças vivendo a arte literária



Fonte: fotografado pela professora (2023).

Em 04 de julho de 2023 as crianças foram convidadas pela pesquisadora para visitarem a biblioteca da escola, manusearem e conhecerem o acervo. O objetivo foi colocá-los naquele ambiente, onde logo alguns pegaram livros para folheá-los se concentravam, mostravam imagens, jogavam para o lado. Na Figura 13, nota-se uma criança em pé, curiosa por tocar nos livros e também jogá-los no chão, até ser orientada a não o fazer porque os livros precisam ser cuidados.

FIGURA 13: crianças leitoras na biblioteca



Fonte: fotografado pela pesquisadora (2023).

No dia 12 de julho de 2023, algumas crianças solicitaram por meio de balbucios falando “etinha”, gestos e apontamentos, a leitura do livro *Uma lagarta muito comilona*, de Eric Carle. A pesquisadora realizou a leitura e observou que o livro chamava bastante a atenção das crianças pela sua materialidade e ilustrações. Elas foram convidadas para se acomodarem no tapete emborrachado ou no sofá para ouvirem a história.

Antes da leitura, como motivação foi apresentada a capa, o autor e o ilustrador, como salienta Silva (2015, p. 214):

Definida a intenção da leitura, antes de iniciá-la, é preciso ativar o conhecimento prévio das crianças. O que elas sabem sobre o texto? Nesse momento, podemos fornecer explicações sobre o que será lido, indicando o assunto para elas, relacionando-o com sua experiência; podemos também ajudar os pequenos leitores ou ouvintes a prestar atenção a algum aspecto da narrativa de maneira a ativar seu conhecimento prévio e estabelecer previsões sobre a obra; ou podemos incentivá-los a expor o que já sabem sobre a temática.

Durante a leitura, algumas se interessaram imediatamente pela atividade e se levantaram para tocar nas imagens, outras ficaram em pé para melhor visualização do livro, outras atentas ao desfecho da leitura sobre como se iniciou o processo da metamorfose até esta lagarta se transformar em uma linda borboleta, mas algumas crianças não participaram, pois estavam mais interessadas por algum brinquedo.

No final da história, a pesquisadora deixou que as crianças tivessem livre acesso ao livro e como se percebe na Figura 14, enquanto uma criança folheia o livro lido, outros estão manuseando os livros disponibilizados numa mesa da sala.

FIGURA 14: criança leitora



Fonte: fotografado pela pesquisadora (2023).

A culminância da leitura deste livro se deu dois dias após. Por uma feliz coincidência, apareceu um casulo no parquinho que dá acesso à sala de recreação do berçário. A associação foi imediata, as crianças observavam o casulo, ao mesmo tempo que relembavam a história que foi contada sobre a lagarta e seu processo de metamorfose.

Após uma semana a pesquisadora utilizou como recurso papelão, papel celofane, cola quente e elástico para confeccionar as asas de uma borboleta para as crianças, sendo que neste contexto foi lembrada a história *Uma lagarta muito comilona*, e também cantada a música borboletinha. Ao final, algumas das crianças choraram para não tirar as asas, outra corria balançando seus braços como se estivesse realmente voando e assim, deram asas à imaginação, conforme apresentado na Figura 15.

FIGURA 15: trabalhando a imaginação e fantasia



Fonte: fotografado pela pesquisadora (2023).

Em 19 de julho de 2023 a pesquisadora realizou a leitura do livro *O que parece?*, de Guido Genechten, um livro com abas e cheio de surpresas e curiosidade. Além das histórias, esse livro brinquedo publicado pela brinque-book, possui uma ótima qualidade literária que permite explorar temas como animais e adivinhações e ao mesmo tempo transformar esse momento em algo especial e único para as crianças, conforme Figura 16.

Antes da leitura para motivar a turma, a pesquisadora apresentou o livro, mostrando a capa, o autor e o ilustrador. E ao perguntar o que viam na capa todos falaram peixe ou “eixe”. Em seguida perguntamos onde vivem os peixes e se as crianças já viram algum antes, foram levados para observar um aquário na entrada da recepção da escola.

Durante a leitura, e com um conhecimento anterior do livro, a pesquisadora deixou sempre o livro ao campo de visão das crianças, para que todos pudessem enxergar e participar da leitura (FIGURA 16). Em 9 minutos estimulamos a musicalidade, a imitação de animais, favorecemos a compreensão do enredo. Este livro é de ótima qualidade textual e gráfica que encantou as crianças.

FIGURA 16: leitura do livro *O que parece?*

Fonte: fotografado pela professora (2023).

Logo após, foi oportunizada experiência de contato com o livro para que todos tivessem acesso, seja individual ou em grupo. Conforme orientação de Silva (2015) a pesquisadora ia conversando com as crianças e perguntando quem cria peixe no aquário? Quem usa guarda-chuva? Ao mostrar um pincel, perguntou se as crianças sabem o que é e em seguida alguém aponta para o livro mostrando o bode, na verdade para a barbicha do bode que se assemelha ao pincel. As crianças já conheciam um serrote de brinquedo disponível na sala, assim a pesquisadora ao pegá-lo perguntou com o que se parece? e algumas crianças responderam abrindo as mãozinhas e outras falando jacaré ou “acaré” e mostrando a imagem do crocodilo e assim por diante. Uma das crianças rasgou o livro, a pesquisadora propôs que o arrumassem juntos, enquanto isso ocorria a pesquisadora ia informando sobre a importância do cuidado com os livros, conforme Figura 17.

FIGURA 17: Será que pode rasgar o livro?



Fonte: fotografado pela pesquisadora (2023).

A pesquisadora observou que uma das crianças tinha o hábito de bater nos amiguinhos e que estava levando as demais a fazer o mesmo. Por isso, a pesquisadora propôs que cantassem uma música da cantora Fabiana Godoy que fala sobre o “não” e carinho. Então, antes da leitura iniciou cantando assim:

Com a mão eu faço não, não, não.
Com a mão eu faço tchau.
Com a mão eu faço um carinho.
Com a mão eu faço eu mando um beijinho.
Com as mãos eu faço um coração.
Com a mão eu faço eu bato palmas.
Com as mãos eu faço eu toco violão.
Com a mão eu mando um beijão.

Em seguida leu o livro *Quando me sinto zangado*, de Karina Barbosa dos Santos, que fala como os pequenos podem lidar com os seus sentimentos e ao mesmo tempo perceber que os sentimentos de raiva, tristeza, decepção, amor, dentre outros são normais e que podemos aprender a lidar com eles. Solicitou que todos sentassem no tapete emborrachado da sala de recreação e para motivação da leitura mostrou às crianças a capa, informou o autor e perguntou o que estavam vendo na capa do livro e indagou se achavam se o jacaré bravo ou feliz? E ao perguntar já fazia a reação dos sentimentos, conforme a Figura 18.

FIGURA 18: quando me sinto zangado



Fonte: fotografado pela professora (2023).

Durante a leitura, que durou 5 minutos, as crianças estiveram muito atentas. A pesquisadora pediu às crianças que fizessem juntos cara de zangado ou bravo, depois alegre, triste, na medida em que essas situações eram lidas na história. Manteve o livro sempre no campo de visão das crianças, foi perguntando quais imagens estavam vendo, faziam gestos para que percebessem que podemos sim dar carinho e, conseqüentemente receber carinho.

Após a leitura, foi propiciado o acesso ao livro em grupo para aprenderem a vivência em coletividade. E logo em seguida, as crianças foram convidadas para cantarem uma música de Fabiana Godoy que diz assim: Carinho, carinho as mãos fazem carinho (2x) / Beijinho, beijinho a boca dá beijinho (2x). Enquanto cantavam iam representando estes sentimentos com os amiguinhos.

Em 09 de agosto de 2023 foi a vez da leitura de mais um livro de Guido Genechten, *Onde?*. A escolha foi para um momento de diversão e surpresas como a maioria das obras desse autor e ilustrador. Antes da leitura as criança foram convidadas a se acomodarem em círculo para que todos pudessem conhecer o livro na sua materialidade e convidadas a participarem da contação que durou por volta de 7 minutos .

Durante a leitura, a pesquisadora perguntou para as crianças o que estavam vendo na capa e alguns falaram “gato”, enquanto a maioria “miau”. Com a surpresa já nas primeiras páginas algumas crianças se levantaram para se aproximar do livro com abas, para descobrir onde o cachorro faz xixi e ao abrir a aba descobriram que era na

árvore e que a cabeça da minhoca estava logo ali; na aba da página seguinte, onde o urso polar esconde seu alimento, descobriram que é no gelo, e assim por diante.

Logo após a leitura, o livro foi disponibilizado às crianças para folheá-lo e interagirem com os colegas (FIGURA 19) e também para senti-lo individualmente (FIGURA 20). É sempre desafiador ensiná-las a esperarem um pouco sem arrancar das mãos do colega, ou chorarem pela demora para tê-lo em mãos.

FIGURA 19: também quero conhecer, mas não chore



Fonte: fotografado pela pesquisadora (2023).

FIGURA 20: quero conhecer melhor este livro



Fonte: fotografado pela pesquisadora (2023).

A pesquisadora, em 18 de agosto de 2023, utilizou como recurso dedoches em feltro para contar a história *Chapeuzinho vermelho*. Primeiramente, convidou as crianças para que se acomodassem no tapete emborrachado da sala de recreação e iniciou com a música...

Era uma vez
assim vai começar
a linda história
que agora vou contar.

Bata palmas, minha gente!
Bata palmas outra vez.
Bata palmas bem contente!
Vou contar... Era uma vez...

E assim começamos a história com “Era uma vez” criando desde logo um suspense. Interessante perceber que as crianças não demonstraram medo do lobo, apesar de fazer aquela reação de medo e em seguida cair na gargalhada. E com ajuda da professora regente juntos cantamos assim:

Pela estrada afora, eu vou bem sozinha
levar esses doces para a vovozinha
ela mora longe, o caminho é deserto
e o lobo mau passeia aqui por perto
mas à tardinha, ao sol poente
junto à mamãezinha dormirei contente.

Ao finalizar a história, que teve duração de 10 minutos, os dedoches foram distribuídos para que as crianças utilizassem e brincassem, pois a literatura também é brincar e cantar, conforme Figura 21.

FIGURA 21: *Chapeuzinho vermelho* com dedoches



Fonte: fotografado pela pesquisadora (2023).

Para fixar na memória das crianças este clássico da literatura infantil, a pesquisadora resolveu no dia 23 de agosto de 2023 enfatizar essa história com um teatro que durou 8 minutos. Um palquinho feito em tecido foi pendurado no alto e fantoches encenavam pela abertura de uma janela do tecido (FIGURA 22). Foi

preparado o espaço e informado às crianças o que seria apresentado a elas e lembrada a história anterior contada com os dedoches. Foi solicitado que ficassem sentados para que todos pudessem ver, mas o grande interesse pela novidade e a falta de apoio da professora, provocaram algumas dificuldades em manter o controle da turma, pois a pesquisadora estava atrás do palquinho e sem nenhum auxílio, como na maioria das vezes.

FIGURA 22: teatro



Fonte: fotografado pela professora (2023).

Após a pesquisadora distribuir os fantoches e dedoches e se afastar, porém sempre atenta às ações das crianças, percebeu que uma das crianças se posicionou atrás do palquinho com um lobo na mão e a maioria ficou a postos para ouvir a história contada pela amiga (FIGURA 23). Ela começou a balbuciar, porém a pesquisadora que se encontrava do outro lado do parquinho ao perceber a dificuldade dela, decidiu de onde estava entrar com a narração da história para não atrapalhar este momento mágico. E esta criança protagonista ia acompanhando do seu modo a voz da narradora, utilizando de suspense também para assustar os amigos. Foi muito gratificante para a pesquisadora ver tudo isso, e ter a certeza de que nesta turma de berçário II foi semeado um processo de formação de leitores, interessados pela leitura e apaixonados por livros.

FIGURA 23: agora deixa que eu conto a história



Fonte: fotografado pela pesquisadora (2023).

O trabalho da pesquisadora com a formação de leitores na turma de berçário II foi um grande desafio, pois ela esteve ali não somente como observadora, mas como atuante neste processo de leitura e/ou contação de história. A professora regente já não lia para as crianças, pois focava nas atividades escolares exigidas pela instituição, como aquelas relacionadas às datas comemorativas ou a aprendizagem dos conceitos matemáticos, por exemplo.

Nos tempos livres, preferia dar massinha de modelar, oferecer brinquedos (não que isto não seja importante), mas que como professores precisamos ter em mente que a literatura é uma “[...] fonte de nutrição a que a criança recorre em busca de ferramentas mentais e simbólicas para organizar o fluxo dos acontecimentos e situar-se e revelar-se e decifrar-se.” (REYES, 2010, p. 63).

Não basta somente ler e contar história, é preciso que se oportunize encontros de interação entre criança e livro, para que se realize ações externas com o livro, por meio do contato físico, tateando, experimentando, ou até mesmo rasgando e por isso a importância de um mediador para orientar. Logo essas crianças imitarão o comportamento do mediador, levantando hipóteses sobre leitura literária, para que possam formar sua identidade leitora (SOUZA; SILVA, 2020).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente estudo, foram sintetizados conhecimentos sobre literatura infantil para bebês, o que possibilitou realizar uma análise sobre esse assunto na turma do berçário II. Esse trabalho é uma pequena introdução ao estudo da literatura infantil e suas contribuições na vida das crianças, que podem ser consideradas leitoras, antes mesmo de completarem dois anos de idade.

Constatamos que se faz necessária a presença precoce da literatura infantil na vida das crianças com leitura e/ou contação de história e, conseqüentemente, que seja oportunizado encontros cotidianos entre crianças e livros de qualidade e que atendam suas necessidades e interesses, tornando-se leitoras mesmo que ainda não saibam ler no sentido convencional.

Para aproximar as crianças da literatura, do livro e transformá-las em leitoras é necessário que o professor mesmo com seu tempo restrito, venha a proporcionar momentos de leitura e/ou contação de história deixando fluir a imaginação e a fantasia das crianças. Além disso, é preciso compreender a importância de iniciar os bebês e crianças pequenas no universo literário, em que a função literária e estética se sobressaia à função pedagógica.

A rotina em um berçário é extenuante, exige do professor inúmeras tarefas que abrangem o cuidar e o educar, muitas vezes se sobressaindo as tarefas de cuidar, não permitindo seguir a direção que acolhe a imaginação, a criatividade, a fantasia, o sonho, oferecida pela literatura infantil.

Ao término deste trabalho, concluímos que bebês e crianças pequenas precisam ter acesso a livros com qualidade literária que permitam a criança se desenvolver, se conhecer, se sensibilizar, enfim se humanizar. Criticamos o uso da literatura infantil como pretexto para ensinar conteúdos escolares e utilitaristas e ambientes escolares limitados para sua obrigação de formar leitores desde a educação infantil.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil**: gostosuras e bobices. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1989.

AQUINO, Kenia Adriana de. **O nascimento do leitor**: Ler, contar e ouvir histórias na educação infantil. Jundiaí, São Paulo: Paco Editorial; Boa Esperança, MT: EduFMT, 2012.

BARBOSA, Karina. **Quando me sinto zangado**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2021.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. São Paulo: Paz e terra, 2014.

BURLAMAQUE, Fabiane Verardi; MARTINS, Kelly Cristina Costa; ARAÚJO, Mayara dos Santos. A leitura do livro de imagem na formação do leitor. *In*: SOUZA, Renata Junqueira de; FEBA, Berta Lúcia Tagliari (orgs.). **Leitura e literatura na escola**: reflexões e propostas na perspectiva do letramento. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011. p. 75-96.

CARLE, Eric. **Uma lagarta muito comilona**. São Paulo: Callis, 2011.

Chapeuzinho vermelho. História completa em português com Os Amiguinhos, 2014. 1 vídeo (8:21min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=k8Wlmcqa64Q>. Acesso em: 14 agost. 2023.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros**. A leitura literária na escola. São Paulo: Global, 2007.

CORRÊA, Hércules Toledo; PINHEIRO, Marta Passos; SOUZA, Renata Junqueira. A materialidade da literatura infantil contemporânea: projeto gráfico e paratextos. *In*: PINHEIRO, Marta Passos; TOLENTINO, Jéssica M. Andrade (orgs.). **Literatura infantil e juvenil**. Campos, materialidade e produção. Belorizonte, MG: Moinhos; Contafios, 2019. p. 71-86.

CURITIBA. **Projeto pedagógico do centro de educação infantil X**. 2011.

DEBUS, Eliane. **Festaria de brincança**: a leitura literária na educação infantil. São Paulo: Paulus, 2006.

GALVÃO, Cristiene de Souza Leite. **Existe uma literatura para bebês?** Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG, Belo Horizonte, 2016. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-ARRJJ5/1/disserta__o_cristiene_galv_o.pdf. Acesso em: 19 maio 2023.

GENECHTEN, Guido Van. **O que parece?** São Paulo: Brinque-Book, 2012.

GENECHTEN, Guido Van. **Onde?** São Paulo: Brinque-Book, 2012.

GIROTTO, Cyntia Graziella Guizelim Simões. **Literatura na infância:** a criança, o livro e capacidade de ler. v. 26, n. 3, p. 34-52, set./dez. 2015. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/3745/3146>. Acesso em: 08 set. 2023.

GIROTTO, Cyntia Graziella Guizelim Simões; FRANCO, Sandra Aparecida Pires. BARROS, Marta Silene Ferreira; TARUMA, Ana Lúcia hermosilla. **A leitura na educação infantil:** das concepções e práticas de professores a base científica para uma didática de leitura. Cadernos de Pesquisa em Educação, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/educacao/article/view/15869>. Acesso: 10 set. 2023.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. **Literatura infantil:** múltiplas linguagens na formação de leitores. São Paulo: Melhoramentos, 2009.

HILL, Eric. **Onde Está o Bolinha?** São Paulo: Martins Fontes, 1980.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura:** uma teoria do efeito estético. São Paulo: Editora 34, 1996. 2 v.

JAUSS, Hans Robert. **A literatura como provocação** (História da literatura como provocação literária). Lisboa: Vega, 1993.

KAERCHER, Gládis E. E por falar em literatura... *In:* CRAIDY, C. Maria; KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva (orgs.). **Educação infantil:** para que te quero? Porto Alegre: Artmed Editora, 2001. p. 81-88.

LINDEN, Shophie Van der. **Para ler o livro ilustrado.** Tradução de: BRUCHARD, Dorethée de. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

MENDES, Teresa; VELOSA, Marta. **Literatura para a infância no jardim de infância:** contributos para o desenvolvimento da criança em idade pré-escolar, **Proposições**, Faculdade de Educação da Unicamp, v. 27, n. 2 (80), p. 115-132, maio/ago. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/D9zYsm8ytkb4QJbgdZhJvFC/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 17 maio 2023.

MORAES, Odilon. O projeto gráfico do livro infantil e juvenil. *In:* OLIVEIRA, Ieda de (org.). **O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil:** com a palavra o ilustrador. São Paulo: DCL, 2008. p. 49-61.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **Educação infantil:** fundamentos e métodos. 7.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

Os três porquinhos. História completa em português com Os Amiguinhos, 2017. 1 vídeo (7:20min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=N84TDkRoG0o>. Acesso em: 25 jun. 2023.

PAIVA, Ana Paula Mathias de. Edição de livros infantis: interfaces e tecnologia da escrita do encantamento. *In*: PINHEIRO, Marta Passos; TOLENTINO, Jéssica M. Andrade (orgs). **Literatura infantil e juvenil**. Campos, materialidade e produção. Belorizonte, MG: Moinhos; Contafios, 2019. p. 99-112.

RAMOS, Graça. **A imagem nos livros infantis**: Caminhos para ler o texto visual. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

RAMOS, Flávia Brochetto; PAIVA, Ana Paula Mathias de. A dimensão não verbal no livro literário para criança. **Contrapontos**, Periódico Científico do Programa de Pós-Graduação em Educação da Univali. v.14, n.3, p. 425-447, 2014. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/ctp/v14n03/v14n03a03.pdf>. Acesso em: 13 set. 2023.

RAMOS, Flávia Brochetto; PINTO, Marcela, Lais Allgayer; GIROTTO, Cyntia Graziella Guizelim Simões. **Interação de bebês com livro literário**. 2018. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Poiesis/article/view/6625/4099>. Acesso em: 09 set. 2023.

REYES, Yolanda. **A casa imaginária**: leitura e literatura na primeira infância. São Paulo: Global, 2010.

SALISBURY, Martin; STYLES, Morag. **Livro infantil ilustrado**: a arte da narrativa visual. Tradução: CAPANO, Marcos, São Paulo: Rosari, 2012.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 21 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SILVA, Kenia Adriana de Aquino Modesto. Letramento literário e práticas estratégicas de leitura na primeira infância, **Nuances**: estudos sobre Educação, Presidente Prudente-SP, v. 26, n. 3, p. 207-225, set./dez. 2015. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/3705/3156>. Acesso em: 20 abr. 2023.

SILVA, Ana Laura Ribeiro; CHEVBOTAR, Aletéia Eleutério Alves. Os bebês e os livros: a comunicação afetiva. *In*: GIROTTO, Cyntia Graziella Guizelim Simões; SOUZA, Renata Junqueira de. (orgs.) **Literatura e educação infantil**: livros, imagens e práticas de leitura. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2016. p. 57-84.

SILVA, Márcia Cabral da; SOARES, Josiane de Souza. Prêmio FNLIJ “O melhor projeto editorial”: elementos da materialidade no livro de literatura para crianças. **FrenteiraZ**, Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária da PUC-SP, São Paulo, n. 24, p. 138-152, julho de 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/frenteiraz/article/view/46983>. Acesso em: 12 set. 2023.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. 2. ed. Curitiba: Positivo, 2005.

SISTO, Celso; MOTOYAMA, Juliane. A narração de história na infância: técnicas e interação. *In*: GIROTTO, Cyntia Graziella Guizelim Simões; SOUZA, Renata

Junqueira de. (orgs.) **Literatura e educação infantil:** para ler, confiar e encantar. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2016. p. 111-138.

SOLÉ, Isabel. **Estratégia de leitura.** 6. ed. Porto alegre: Artmed, 1998.

SOUZA, Renata Junqueira de; SILVA, Kenia Adriana de Aquino Modesto. Estratégia de leitura na educação infantil. *In:* SOUZA, Renata Junqueira de; FEBA, Berta Lúcia Tagliari (orgs.) **Para compreender textos: o ensino de estratégias de leitura.** Presidente Prudente, SP: Educação Literária, 2020. p. 13-34.

TERRA, Ana. Depoimentos. *In:* OLIVEIRA, Ieda de (org.). **O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil:** com a palavra o ilustrador. São Paulo: DCL, 2008. p. 167-168.

VIGOTSKY, Lev Semyonovich. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processo psicológicos superiores. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola.** 10 ed. São Paulo: Global, 1998.

APÊNDICE 1 – CONCORDÂNCIA DO CAMPO DE PESQUISA

Concordância do campo de pesquisa

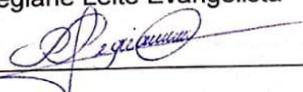
Declaramos que nós da Escola Junshin estamos de acordo com a condução da pesquisa de campo no berçário II desta instituição, como parte integrante do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Nediane Maria da Cruz, aluna de graduação do curso de Pedagogia, da Universidade Federal do Paraná, orientada pela professora Elisa Maria Dalla-Bona.

Estamos cientes que o objetivo desta pesquisa é compreender as vantagens da presença precoce da literatura, desde o início da escolarização, para contribuir com o desenvolvimento cognitivo e socioemocional das crianças. Os benefícios esperados com essa pesquisa são refletir sobre os efeitos do encontro dos bebês com o mundo literário e as possibilidades para a formação de leitores na primeiríssima infância.

Autorizamos que o levantamento de dados ocorra no período de junho a outubro de 2023, que consistirão em observar no berçário II a realização das atividades com a literatura, implementar mediações de leitura literária, registrar fotograficamente essas atividades, e entrevistar a professora regente do berçário II e a coordenadora pedagógica. Todo o material levantado será exclusivamente para fins acadêmicos, sendo assegurado o anonimato das pessoas e com a garantia de que não terão expostas suas fisionomias.

Atenciosamente,

Regiane Leite Evangelista



(Diretora)

Curitiba, 15 junho de 2023

APÊNDICE 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(Os nomes foram encobertos para preservar a identidade dos participantes)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Nediane Maria da Cruz, aluna de graduação do curso de Pedagogia, da Universidade Federal do Paraná, orientada no seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), pela professora Elisa Maria Dalla-Bona, intenta desenvolver sua pesquisa de campo no berçário II da Escola Junshin.

O objetivo desta pesquisa é compreender as vantagens da presença precoce da literatura, desde o início da escolarização, para contribuir com o desenvolvimento cognitivo e socioemocional das crianças.

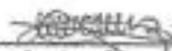
Para o levantamento de dados será necessário, durante a pesquisa de campo, a ocorrer no período de junho a outubro de 2023, observar no berçário II a realização das atividades com a literatura, realizar mediações de leitura literária, registrar fotograficamente essas atividades, e entrevistar a professora regente do berçário II e a coordenadora pedagógica. Todo o material será levantado exclusivamente para fins acadêmicos, sendo assegurado o anonimato das pessoas e com a garantia de que não terão expostas suas fisionomias.

A pesquisadora responsável por este estudo, Nediane Maria da Cruz, poderá ser contactada pelo e-mail, nediane.cruz@gmail.com, e pelo telefone (41) 99142-8554, para esclarecer eventuais dúvidas e fornecer as informações necessárias, antes, durante ou depois de encerrado o estudo.

As despesas necessárias para a realização da pesquisa são de responsabilidade da pesquisadora, nenhum participante receberá qualquer valor em dinheiro pela sua participação.

Curitiba, 15 de junho de 2023

Eu, Nediane Maria da Cruz, declaro ter apresentado o estudo, explicado seus objetivos e ter respondido da melhor forma possível às questões formuladas.



[Assinatura]

Eu, _____ professora do berçário II, li esse Termo de Consentimento e compreendi a natureza e o objetivo do estudo do qual concordei voluntariamente, em participar.

[Assinatura]

Eu, _____, coordenadora pedagógica, li esse Termo de Consentimento e compreendi a natureza e o objetivo do estudo do qual concordei voluntariamente, em participar.

[Assinatura]